

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JOSIMAR DOS SANTOS TAVARES

**ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDIGENA: Um estudo na escola municipal
Jardim de Deus da Aldeia Bem-Te-Vi, em Barreirinha /AM**

Parintins - AM

2025

JOSIMAR DOS SANTOS TAVARES

**ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL INDIGENA: Um estudo na escola municipal Jardim de Deus da
Aldeia Bem-te-vi – Barreirinha /AM**

Pesquisa apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas para obtenção de nota parcial na disciplina.

Parintins - AM

2025

**ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA
UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: Um estudo na escola
municipal Jardim de Deus da Aldeia Bem-Te-Vi, Barreirinha /AM**

Josimar dos Santos Tavares¹

João D’Anúzio Menezes de Azevedo Filho²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo evidenciar Ensino de Geografia e sua contribuição para uma educação intercultural indígena, na Aldeia Bem-te-vi , localizado no município de Barreirinha , no Estado do Amazonas, busca integrar os conhecimentos tradicionais do povo indígena local com conteúdos da educação escolar formal. Dando a devida importância e garantindo que as crianças e jovens aprendam tanto os saberes da comunidade, como história, língua materna, práticas culturais, conhecimentos sobre a natureza e relações comunitárias, quanto os conteúdos previstos no currículo nacional. A Geografia, por sua vez, evidencia que a educação intercultural é de suma importância, pois oferece contribuições essenciais para uma nova compreensão de mundo. Por meio de seus fundamentos didáticos e de sua dimensão política, a Geografia possibilita que os estudantes desenvolvam uma leitura crítica do território, ampliem seus conhecimentos sobre a realidade em que vivem e fortaleçam sua participação social.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Educação Intercultural; Barreirinha; Amazônia.

Abstract: This research aims to highlight the teaching of Geography and its contribution to intercultural Indigenous education in the Bem-Ti-Vi village, located in the municipality of Barreirinha, in the state of Amazonas. It seeks to integrate the traditional knowledge of the local Indigenous people with the content of formal school education. It gives due importance to ensuring that children and young people learn both the community’s knowledge, such as oral history, native language, cultural practices, knowledge about nature and community relations, and the content foreseen in the national curriculum. Geography, in turn, demonstrates that intercultural education is of paramount importance, as it offers essential contributions to a new understanding of the world. Through its didactic foundations and its political dimension, Geography enables students to develop a critical reading of the territory, broaden their knowledge of the reality in which they live, and strengthen their social participation.

Keywords: Geography teaching; Intercultural education; Barreirinha; Amazon.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia como disciplina pode proporcionar aos alunos refletir sobre as questões sociais. Não se deve pensar o ensino desta disciplina, como algo pronto e acabado e que serve de memorização, ele deve ser construído, para que possam ser compreendidos a partir da realidade. Os conceitos geográficos devem ser apresentados

aos alunos providos de significado, possibilitando uma análise da sociedade, uma compreensão do conjunto de relações da sociedade com a natureza.

A disciplina Geografia aliada à educação escolar indígena, possibilita a efetivação de uma educação intercultural, mas, como aponta Cavalcanti (1998), em sua pesquisa sobre a construção de conceitos no ensino de Geografia, o professor deve utilizar de ações didáticas socioconstrutivistas como considerar a vivencia dos alunos como dimensão do conhecimento; levar em conta o mundo vivido dos alunos que implica em aprender tendo como base seus conhecimentos já adquiridos (conhecimentos prévios) e sua experiência em relação ao assunto analisado e que pode vir junto com outras ações, como por exemplo, estimular a atividade de observação, tendo como fonte de informação de espaço geográfico o espaço vivido, ou a Geografia vivenciada cotidianamente na prática social dos alunos.

Como acadêmico indígena, cursando geografia, sinto a necessidade de aprofundar conhecimento sobre como o ensino de geografia é realizado na escola indígena Jardim de Deus localizada na comunidade de Bem-Te-Vi, município de Barreirinha/AM. Proponho nesta pesquisa reflexões sobre como a Geografia enquanto disciplina nas escolas indígenas pode contribuir para um ensino escolar intercultural e como o saberes tradicionais indígenas, podem ser correlacionado com os conteúdos da disciplina de Geografia indicado nos Referenciais Curriculares Nacionais.

Ainda, como professor em formação, acredita que ao ministrar o ensino desta disciplina, precisa-se' levar em consideração a organização dessas comunidades indígenas e seus conhecimentos já adquiridos culturalmente, para que não seja reproduzida a ideia colonialista que perpassa pela sociedade nacional, que a cultura indígena é inferior à do homem branco, considerando-as como atrasadas e primitivas. Os povos indígenas também produziram saberes, ciências, arte, literatura, poesia, música, religião. Nossas culturas não são atrasadas como durante muito tempo pensaram os colonizadores e como ainda pensa muita gente ignorante.

Objetivo evidenciar Ensino de Geografia e sua contribuição para uma educação intercultural indígena, na Aldeia Bem-te-vi , localizado no município de Barreirinha, de como pode contribuir para uma educação intercultural que reconheça, valorize e fortaleça os saberes locais. Nesse sentido, a pesquisa busca evidenciar como a Geografia, ao assumir uma perspectiva crítica e contextualizada, torna-se uma importante ferramenta

para que os estudantes indígenas compreendam o mundo, o território e suas próprias realidades socioculturais.

Tal análise permite compreender como os conhecimentos ancestrais sobre território, natureza, uso dos recursos e organização social pode enriquecer e ampliar os conteúdos escolares, possibilitando o desenvolvimento de aulas que respeitem e integrem a realidade dos estudantes. Para isso foi feita entrevista com o professor e o Tuxaua da comunidade, onde percebe-se as dificuldades e as problematizações sobre a educação indígena .

Percebe-se que há um caminho a percorrer para que se efetive uma educação escolar indígena nos moldes da interculturalidade, a mesma, está em construção e o ensino de geografia pode proporcionar contribuições ao desenvolvimento de uma educação escolar indígena intercultural, mas para que isso ocorra os conteúdos geográficos deve ser adaptado a realidade dos alunos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Indígena

A educação indígena, em seu primeiro momento, foi marcada pela chegada dos colonizadores, que impuseram o ensino voltado à catequização. Esse processo teve como objetivo converter os povos originários à religião cristã e inseri-los na cultura europeia. Como consequência, muitos indígenas acabaram abandonando seus costumes, línguas e saberes tradicionais, portanto já podemos ver k quanto foi dificultoso para termos a educação os povos indígenas.

Paiva (2006 p .85) aponta que

o objetivo dos jesuítas era catequese de adultos e, mediante a educação, a doutrinação das crianças e jovens. Os padres transmitiram às crianças indígenas a ideia de que as crenças e costumes de seus pais estavam errados, que só o Deus dos Cristãos era verdadeiro.

No cenário atual, a educação indígena vem se adaptando conforme os recursos disponíveis. Essa forma de educação é uma ferramenta de suma importância para o fortalecimento das comunidades, pois oferece suporte a outros saberes e contribui para a revitalização e o aprimoramento de conhecimentos que, por muito tempo, permaneceram ocultos ou esquecidos.

Dessa maneira, a educação indígena valoriza os saberes repassados pelos mais velhos — como a cultura, os costumes, as histórias e as crenças — reconhecendo a importância da transmissão oral e da convivência comunitária como parte essencial do processo de aprendizagem.

Vale ressaltar que, atualmente, a educação indígena também integra outros conhecimentos didáticos, como ciências, geografia, história, religião e arte, entre outros componentes curriculares que compõem a educação escolar indígena. Essa integração possibilita uma formação mais ampla, que respeita a diversidade cultural e o modo de vida dos povos originários, sem deixar de dialogar com o conhecimento científico.

Cavalcante (2005 p.85) aponta que

As crianças indígenas eram totalmente ligadas à vida prática. Os garotos aprendiam depressa o que os mais velhos faziam e ensinavam . Assimilação a fabricação de arcos, flechas e tacapes em miniatura, e também ganhavam dos seus pais esses instrumentos, com o intuito de aprender a caçar, pescar e guerrear. As meninas costumavam ajudar a mãe na colheita e nos trabalhos da roça .

É importante destacar que o educador possua uma formação adequada, preferencialmente sendo um indígena, pois isso contribui para uma melhor compreensão das dificuldades e dos problemas enfrentados tanto pelos professores quanto pelos alunos. Sabe-se que grande parte dos estudantes indígenas, e até mesmo os não indígenas, enfrentam barreiras significativas no processo de alfabetização. Muitos só conseguem ler ou até mesmo soletrar após atingirem uma faixa etária mais avançada, o que ocorre em razão de fatores culturais, linguísticos e educacionais.

Além disso, algumas alunas acabam desistindo dos estudos devido à gravidez na adolescência, à realização de trabalhos pesados ou ao envolvimento com drogas ilícitas. Esses fatores são relativamente comuns em algumas comunidades indígenas, contribuindo para a manutenção de um ciclo repetitivo de evasão escolar e dificuldades educacionais.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB - (Lei 9394/1996) assegura que os grupos indígenas brasileiros passem a ser reconhecidos legalmente em suas diferenças e peculiaridades, em relação aos outros povos. Também ficou estabelecido que compete à união o desenvolvimento de programas de ensino e pesquisa para a oferta de educação escolar indígena. O Decreto nº 26, de 4 de fevereiro de 1991, dispõe sobre a educação indígena no Brasil.

No Brasil, já é complicado falar sobre educação, e essa complexidade aumenta ainda mais quando o assunto é a educação indígena. Esse campo exige diversos parâmetros para atender aos diferentes tipos de desafios presentes tanto no ambiente escolar quanto na esfera política. Mesmo que a lei garanta uma educação bilíngue e pautada no respeito à diversidade, ainda há grandes deficiências, seja por causa do preconceito, seja pela falta de preparo de muitos profissionais.

A educação indígena no Brasil já foi tema de inúmeros debates, especialmente sobre as dificuldades enfrentadas para garantir liberdade e autonomia aos povos originários. Desde o período colonial, em 1500, foram aplicados métodos que buscavam apagar suas histórias, culturas e modos de vida. Os jesuítas, por exemplo, tinham como objetivo educar os indígenas para moldá-los dentro de um modelo de sociedade considerado “civilizado”. Assim, muitos foram catequizados e acabaram deixando de lado seus saberes tradicionais, o que resultou em grandes perdas culturais e identitárias .

Oliveira (2007, p 85) aponta que “o objetivo de tais práticas educativas negativas em parte a diversidade cultural dos índios, miscigenando suas culturas e incorporando mão de obra indígena na formação do Brasil colônia”

A Educação diferenciada, proposto, vem trazendo uma proposta muito relevante para as etnias indígenas ,para que possam ter a possibilidade de tomar suas próprias decisões e terem um conhecimento do mundo em que estão incluso, Pois não bastam estudar apenas livro didático, como eram ensinado anteriormente, deve se incluir a vivência do aluno, suas histórias, Com isso dando a possibilidade do aluno mais curiosidade sobre a educação, além disso é necessário que entendam que existem vários outros conhecimentos ,seja tanto científico e empírico .

Brasil (2005, p. 94) “para os povos indígenas e alguns outros povos do mundo, o espaço geográfico é um espaço sagrado, construído em íntima relação sociedade/natureza”.

2.2 Educação Intercultural

A educação intercultural, buscar promover igualdade e valorizar as crenças ,culturas, religiosidade e linguagens, trazendo uma recuperação de suas identidades, uma delas são as tradições que vêm sendo perdidas pela falta de práticas e valorização saberes tradicionais .

O acesso às informações e aos conhecimentos do mundo , faz com povos originários estabeleçam harmonias entre e com ambientes onde vivem, exercendo sua liberdade sem limitações impostas em outro momento histórico. Contudo, embora os meios de comunicação e discursos públicos muitas vezes transmite a ideia de que a diversidade cultural é amplamente respeitada, na prática se observa o racismo vivo o preconceito e a intolerância religiosa de forma evidente em nossa sociedade .

É fundamental que a educação intercultural seja ensinada desde sua infância, de modo que as crianças cresçam com valores de respeito e empatia. No entanto, muitos pais transferem essa responsabilidade apenas para as escolas ,o que acaba resultando em um desenvolvimento tardio dessas habilidades, com consequência vivo observa a falta de empatia com o próximo, aumentando conflitos e, em muitos casos, o surgimento de traumas psicológicos.

Coll (1997, p 133) aponta que

A formação de conceitos é uma habilidade fundamental para a vida cotidiana. Os instrumentos conceituais são importantes porque ajudam pessoas a cada caracterizar o real, classificá-lo, fazer generalizações . Os conceitos são importantes mediante da redação pessoas com a realidade; ele nos libera da escravidão eu particular .

2.3 Ensino de Geografia

O ensino da Geografia tem como por objetivo evidenciar Ensino de Geografia e sua contribuição para uma educação intercultural indígena, na Aldeia Bem-te-vi , localizado no município de Barreirinha ,em que vivem e perceber como as ações humanas podem influenciar as mudanças ambientais e sociais. entre essas questões, destacam-se problemas como as mudanças climáticas, a desigualdade social, a territorialidade e a sustentabilidade.

No ambiente escolar, é fundamental que o professor conceda liberdade aos alunos para que possam relacionar os conteúdos estudados com o seu cotidiano. Atividades como o uso de mapas, imagens de satélite e trabalhos de campo são estratégias que tornam o aprendizado mais significativo e dinâmico.

Além disso, a Geografia contribui de maneira essencial para o desenvolvimento do pensamento espacial e da análise crítica, ajudando o aluno a compreender as relações entre a sociedade e o meio em que vive.

Essas questões estão diretamente ligadas à Geografia, pois essa ciência se divide em dois grandes ramos: a Geografia Humana e a Geografia Física.

A Geografia Humana estuda a relação entre a sociedade e o espaço geográfico, analisando como os grupos sociais se organizam em aspectos políticos, culturais, religiosos, de migração e emigração, mostrando como as ações humanas transformam o espaço.

Já a Geografia Física investiga os fenômenos naturais da terra, como o relevo, o clima, a vegetação e a hidrografia, evidenciando como esses elementos se transformam, muitas vezes, sem a interferência humana.

Para Kaercher (1997, p 131)

[...] os conceitos e vivências espaciais (geográficas) são importantes, fazem parte de nossa vida a todo instante. Em outras palavras: Geografia não é só o que o que está no livro ou que o professor fala. Você a faz diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de ônibus, por exemplo, você mapeou, na sua cabeça, o trajeto. Em outras palavras: o homem faz Geografia desde sempre.

3 ABORDAGEM METODOLOGICA

A pesquisa ajuda o pesquisador buscar a compreender de como educação intercultural se desenvolvem em cada lugar, visando abordar temas que são de suma importância e que são de uma grande relevância para os povos indígenas, como o preconceito, valorização de sua cultura, igualdade, aceitação, pois é realidade a falta de interações entres esses grupos sociais.

A pesquisa científica buscou analisar a geografia e suas contribuições para uma educação intercultural indígena, na “Escola Jardim de Deus “localizado na comunidade Bem-te-vi no município de Barreirinha no Estado do Amazonas, na área indígena Andirá -Mauro. Essa área é povoada pela etnia Sateré mawé .

Cujo o significado da palavra Sateré/” Lagarta de fogo “ e “ mawé “ papagaio inteligente.

3.1 Tipo de pesquisa

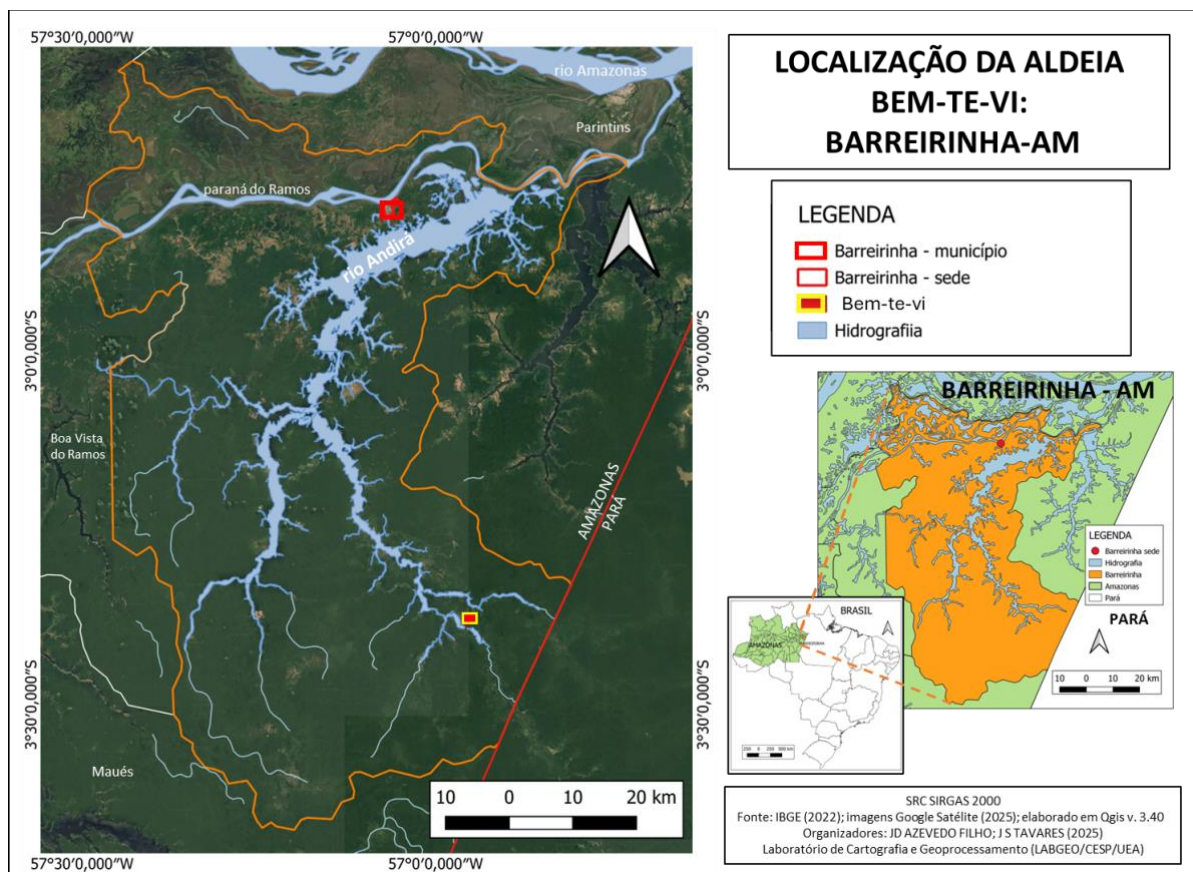
Essa pesquisa foi direcionada através de método qualitativa. Sandín (2010, p 179) aponta que esse método “se caracteriza como “ um conjunto de práticas interpretativas de pesquisa, mas também um espaço de discussão, ou discurso metateórico” .

Para Celani (2004, p 179), “o paradigma qualitativo, mais particularmente quando de natureza interpretativa, nos remete ao campo da hermenêutico, no qual a questão da intersubjetividade é bastante forte.

3.2 Dados coletados

Para a coleta de dados pesquisado teve contato direto com os participantes, onde o público-alvo foram os professores e alunos da escola indígena, escola “Jardim de Deus” localizado na comunidade Bem-te-vi, onde foi realizado entrevista para sabermos qual suas dificuldades tanto para o professor quanto para os alunos, vale ressaltar que a educação indígena é complicada de ser executada .

Figura 01: Mapa de localização da área de estudo



Fonte: IBGE (2022); organizado por Azevedo Filho e Tavares (2025)

3.3 Histórico da aldeia Bem-te-vi

A Aldeia Bem-te-vi teve sua fundação em 1981, por iniciativa dos senhores Nilo Miquiles Batista, sua esposa Maria Batista e seu filho Leonardo Miquiles Batista. No início, o local era totalmente coberto por mata nativa, exigindo grande esforço das famílias fundadoras para a abertura das primeiras roças e para o início do cultivo agrícola .

Nos primeiros anos, a principal fonte de sustento era o plantio de mandioca e guaraná, produto tradicional da região que garantiu a sobrevivência e o fortalecimento econômico das famílias pioneiras. Com o passar do tempo, a comunidade foi se estruturando e diversificando suas atividades produtivas. Atualmente, uma das principais práticas é o cultivo de mandioca, destinada à produção de farinha, que se tornou uma das principais fontes de renda para as famílias locais.

Figura 02: Registro da frente da Aldeia Bem-Te-Vi



Fonte: Tavares, 2025.

Atualmente vivem na comunidade Bem-te-vi cerca 57 pessoas e 12 familiares, sendo havia mais pessoas, mais a maioria foram para outros lugares e até migraram para a cidade urbana em buscar de condições de vida melhor, o que é uma coisa muito comum, pois a necessidade por melhoraria devida é grande falta de estruturas para manter a família e em questões de trabalhos e estudos.

3.4 Histórico da escola

O prédio foi em fundando em 2004 na época do mandato do ex-prefeito Giovan Seixas , o prédio possui uma sala de aula , o lugar para guardar merenda escola e uma cozinha , como relata o professor , a maioria das vezes a merenda não chega nos prazos certos , com isso , os alunos geralmente têm que sair mais cedo da sala de aula, por falta da merenda escola.

Figura 03: Escola Municipal Jardim de Deus



Fonte: Tavares, 2025

3.5 Relatos dos entrevistados

Segundo o tuxaua Lelito, um dos filhos do fundador, desde a construção da escola nunca foi realizada uma reforma, o que evidencia o estado de abandono por parte do poder público. No entanto, é importante lembrar que, por lei, todo aluno tem direito a um espaço adequado e de qualidade para estudar, especialmente quando se trata da educação intercultural, que requer maior rigor e atenção, pois precisa contemplar diversos aspectos pedagógicos, culturais e estruturais.

Figura 04: local de aprendizado na área indígena



Fonte: Tavares, 2025.

O professor Lailson relata que enfrenta grandes dificuldades para ministrar suas aulas, pois leciona para diferentes séries, desde a etapa inicial até o quinto ano. Essa situação torna muito complexa a organização do ensino, uma vez que ele é o único professor na comunidade. Por ser membro da própria comunidade, o professor afirma conhecer de perto as dificuldades de seus alunos e reforça que deveria haver outro docente para atender as séries iniciais, garantindo um ensino mais adequado e equilibrado.

Mais essa é uma realidade que muitos professores enfrentam na área indígena, essa falta de estruturas para atender as necessidades para se ter uma educação de qualidade .

Mesmo que a língua materna seja ensinada desde as séries iniciais, a maior parte das aulas continua sendo ministrada em língua portuguesa, o que demonstra um desafio adicional para a efetivação de uma educação verdadeiramente intercultural e bilíngue.

Rodrigues (1986, p. 164) aponta que

No contexto bilíngue, a língua portuguesa foi um instrumento de subordinação e apagamento de outras línguas. Contudo, existem aproximadamente 180 línguas indígenas remanescentes de uma história brutal e opressora.

A educação intercultural é de extrema importância para os alunos indígenas, pois possibilita que tenham domínio tanto sobre o mundo amplo quanto sobre o espaço onde vivem. Na Aldeia Bem-Te-Vi é possível perceber que o ensino de Geografia está presente nesse processo formativo. Sabemos, porém, o quanto é desafiador para o aluno indígena estudar em um ambiente que não faz parte de seu convívio. Um exemplo disso ocorre

quando um indígena precisa ir para a cidade estudar: muitas vezes não há pessoas que o apoiem, ele não domina a língua portuguesa e acaba enfrentando preconceitos. Por esses motivos, é raro que um estudante indígena conclua seus estudos, devido ao racismo, à discriminação e à falta de acolhimento — ainda que, na atualidade, exista mais informação sobre tais problemáticas.

Nesse contexto, compreende-se a importância de uma educação diferenciada, como é o caso da educação intercultural. Embora ainda enfrente dificuldades e seja relativamente recente nas escolas, ela possibilita novas perspectivas. A Geografia, por sua vez, contribui significativamente nesse processo ao permitir que os estudantes compreendam o mundo, o território e as relações sociais, reforçando a necessidade de uma educação de qualidade. Essa formação é essencial para que os povos indígenas tenham voz, autonomia, capacidade de decisão e protagonismo em sua própria trajetória.

O professor Lailson Miquiles e o tuxaua Lilito Miquiles da comunidade se dedicam ao máximo para que as crianças aprendam sua cultura e seus costumes. No entanto, reconhece-se que esse processo não é simples, pois a influência não indígena é muito forte e difícil de ser combatida. A igreja, por exemplo, exerce um papel relevante nesse cenário, muitas vezes impondo seus valores de forma silenciosa e conduzindo a comunidade a considerar suas próprias práticas tradicionais como pecado. Na Aldeia Bem-te-vi não é diferente: a comunidade acabou incorporando essas definições e restrições religiosas.

A LDB reconhece e reafirma o parágrafo da constituição Federal Brasil de 1988 sobre o direito do indígena a uma educação diferenciada, onde se lê:

3º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Na educação ocorre um processo semelhante, com regras que tentam definir como o indígena deve ser ensinado para ser “incluído” na sociedade, apagando sua história, seus importância para os alunos indígenas, pois possibilita que tenham domínio tanto sobre o mundo amplo quanto sobre o espaço onde vivem. Na Aldeia Bem-te-vi é possível perceber que o ensino de Geografia está presente nesse processo formativo. Sabemos, porém, o quanto é desafiador para o aluno indígena estudar em um ambiente que não faz parte de seu convívio. Um exemplo disso ocorre quando um indígena precisa ir para a cidade estudar: muitas vezes não há pessoas que o apoiem, ele não domina a língua

portuguesa e acaba enfrentando preconceitos. Por esses motivos, é raro que um estudante indígena conclua seus estudos, devido ao racismo, à discriminação e à falta de acolhimento, ainda que, na atualidade, exista mais informação sobre tais problemáticas.

O professor Lailson Miquiles relata que, durante o período em que estudou na cidade de Barreirinha, enfrentou diversas dificuldades, principalmente relacionadas ao processo de adaptação. Segundo ele, a ausência de uma moradia própria tornava a permanência na cidade ainda mais complexa. Além disso, o preconceito vivenciado dentro da sala de aula era constante, pois, naquela época, não havia qualquer preocupação com uma educação intercultural. Os professores da zona urbana, muitas vezes, deixavam o aluno indígena seguir por conta própria, alegando não conseguir acompanhar sua forma de linguagem e expressão. Ainda conforme seu relato, era comum que estudantes indígenas fossem excluídos de atividades em grupo e direcionados a realizar trabalhos individuais, o que reforçava o isolamento e desconsiderava completamente sua maneira de pensar e aprender.

Mesmo atualmente, situações de preconceito ainda persistem. Em muitos espaços, quando ocorre algum tipo de identificação, sempre há alguém que faz questão de ressaltar que o indígena é indígena, como se ele próprio não soubesse disso. Essa atitude gera pressão e opressão, ainda que, na maioria das vezes, não seja intencional. Trata-se de um preconceito velado, profundamente enraizado na sociedade brasileira desde o período colonial, quando essas relações desiguais começaram a ser construídas.

Nesse contexto, compreende-se a importância de uma educação diferenciada, como é o caso da educação intercultural. Embora ainda enfrente dificuldades e seja relativamente recente nas escolas, ela possibilita novas perspectivas. A Geografia, por sua vez, contribui significativamente nesse processo ao permitir que os estudantes compreendam o mundo, o território e as relações sociais, reforçando a necessidade de uma educação de qualidade. Essa formação é essencial para que os povos indígenas tenham voz, autonomia, capacidade de decisão e protagonismo em sua própria trajetória.

O professor Lailson Miquiles e o tuxaua Lelito Miquiles da comunidade se dedicam ao máximo para que as crianças aprendam sua cultura e seus costumes. No entanto, reconhece-se que esse processo não é simples, pois a influência não indígena é muito forte e difícil de ser combatida. A igreja, por exemplo, exerce um papel relevante nesse cenário, muitas vezes impondo seus valores de forma silenciosa e conduzindo a comunidade a considerar suas próprias práticas tradicionais como pecado. Na Aldeia

Bem-te-vi não é diferente: a comunidade acabou incorporando essas definições e restrições religiosas.

Na educação ocorre um processo semelhante, com regras que tentam definir como o indígena deve ser ensinado para ser “incluído” na sociedade, apagando sua história, seus saberes e sua identidade cultural. Por isso, reforça-se a necessidade de fortalecer a educação intercultural, que respeite as especificidades dos povos indígenas e garanta a valorização de seus conhecimentos e modos de vida. Saberes e sua identidade cultural. Por isso, reforça-se a necessidade de fortalecer a educação intercultural, que respeite as especificidades dos povos indígenas e garanta a valorização de seus conhecimentos e modos de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que o ensino de Geografia desempenha um papel essencial na consolidação de uma educação intercultural indígena, especialmente no contexto da Escola Municipal Jardim de Deus, localizada na Aldeia Bem-te-vi, no município de Barreirinha, Amazonas. Os desafios estruturais e as percepções da comunidade escolar, ficou evidente que a Geografia, quando ensinada a partir da realidade sociocultural dos estudantes, contribui significativamente para a valorização dos saberes tradicionais, para o fortalecimento da identidade étnica e para a leitura crítica do território indígena.

Cavalcanti (1995) reforça que o ensino de Geografia deve superar modelos engessados e distantes da realidade, tornando-se um instrumento capaz de dialogar com as necessidades concretas da escola e da comunidade. Nesse sentido, nessa perspectiva auxilia a compreender que a construção curricular precisa considerar as especificidades culturais, históricas e territoriais dos povos indígenas, garantindo que o conhecimento escolar não seja uma imposição externa, mas um processo compartilhado e significativo.

A educação intercultural, como já discutido, é um modelo ainda muito recente no contexto educacional brasileiro. Muitas escolas não estão totalmente adaptadas para desenvolver esse tipo de ensino, porém é fundamental ressaltar sua importância, pois ela responde a uma necessidade real dos povos indígenas: a oportunidade de afirmar seus conhecimentos, fortalecer suas identidades e conquistar seus espaços na sociedade, mesmo que esse processo aconteça de forma gradual.

A proposta da educação intercultural contribui para que os povos indígenas deixem de ocupar um papel secundário em suas próprias histórias. Ela possibilita a valorização de saberes, práticas e línguas tradicionais, transformando concepções e fortalecendo tanto a autonomia política quanto educacional das comunidades. Isso é especialmente relevante considerando que a educação colonial ainda está enraizada em muitas práticas escolares, apagando ou diminuindo as formas próprias de ensinar e aprender dos povos indígenas.

Assim, fortalecer a educação intercultural significa romper com esse apagamento histórico e garantir que as escolas sejam espaços de diálogo, respeito e reconhecimento das múltiplas maneiras de ver e viver o mundo.

Os resultados deste estudo demonstram que, apesar das limitações estruturais e das dificuldades enfrentadas pela escola, como falta de materiais, formação docente insuficiente e ausência de políticas públicas adequadas, há um grande potencial para que o ensino de Geografia se torne ainda mais intercultural. Quando os conteúdos se aproximam do cotidiano da aldeia, das práticas de uso do território, da relação com a natureza e das memórias coletivas, os estudantes passam a entender seu espaço de vida como parte fundamental das dinâmicas geográficas mais amplas.

Assim, conclui-se que o ensino de Geografia pode e deve assumir uma função estratégica na promoção de uma educação intercultural indígena, capaz de dialogar com os valores, saberes e modos de vida tradicionais. A partir dessa perspectiva, torna-se possível fortalecer a autonomia dos povos indígenas, promover o protagonismo dos estudantes e contribuir para uma educação que respeite, valorize e defenda seus territórios e identidades. Portanto, espera-se que esta pesquisa sirva de subsídio para que gestores, professores e comunidades continuem lutando por uma educação de qualidade, comprometida com a realidade e os direitos dos povos indígenas da Amazônia.

Apesar dos desafios existentes, como a falta de infraestrutura adequada, a carência de recursos e a necessidade de formação continuada para os professores, observa-se que a educação intercultural tem potencial para fortalecer a autoestima dos alunos, ampliar sua compreensão sobre o mundo e, ao mesmo tempo, preservar sua cultura e língua.

Portanto, é possível concluir que a educação intercultural na Aldeia Bem-te-vi é um processo fundamental para assegurar o direito à educação de qualidade, democrática e culturalmente .

Apesar dos desafios existentes, como a falta de infraestrutura adequada, a carência de recursos e a necessidade de formação continuada para os professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro** . Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Brasília: Ministério da justiça, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

BRASIL. De 1988, **constituição Federal da República do Brasília**: Edições Câmara. 35° Edição, 2012 .

CAVALCANTI, Lana de S . **A Problemática do ensino de Geografia veiculada nos Encontros Nacionais da AGB (1976 – 1986)** . Boletim Goiano de Geografia, jan / dez 1995 .

CAVALCANTI, Lana de S . **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, A. W. L. **Descobrimo e construindo Aquiraz : conhecimentos e geografia e história**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha Ceará, 2005.

CELANI. M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em linguística aplicada. Linguagem e ensino**. Pelotas- RS, v.8, n 1, 2004.

COLL; Salvador, César. **conteúdos da reforma**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PAIVA, J. M. de. **Colonização e catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

OLIVEIRA, R. J. **Educação indígena: o ensino de Geografia na Escola Diferenciada Tapeba**. 2007.

KAERCHER , N . A . **Desafios utopias no ensino de geografia.** Santa Cruz do Sul (RS), EDUNISC, 1997.

ROGRIGUES , A. D.(1986). **Linguagem brasileiras:** para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: loyola, 2002.

SANDIN ESTWBAN, M. P . **pesquisa qualitativa em educação:** fundamental e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.